



CAPÍTULO 13

MULHERES, EDUCAÇÃO E LITERATURA INFANTIL NO BRASIL DOS ANOS DE 1930

Aline Santos Costa de Lemos

(SME/RJ)

aline.s.costa.hist@gmail.com

A aproximação entre a escola e a literatura voltada para as crianças, no Brasil, data pelo menos da metade do século XIX e, com a criação da República e a expansão das escolas, tal aproximação seguiu em curso. No Brasil dos anos de 1930, a Literatura Infantil estava na pauta daqueles que se ocupavam da Educação. Nos anos de 1930, educadores membros da Associação Brasileira de Educação (ABE) criaram, sob organização da educadora Armanda Álvaro Alberto¹, três exposições internacionais de livros infantis, nos anos de 1931, 1933 e 1936. A organização de exposições internacionais nos remete ao final do século XIX, quando estas representavam uma tentativa dos países se projetarem como referência de nações civilizadas. Na França, no ano de 1889, foi criada a Exposição Internacional de Paris, cujo objetivo era não apenas comemorar o centenário da Revolução Francesa, como também mostrar ao mundo os “avanços tecnológicos” do país. Seguindo o estilo de outras exposições ocorridas no ocidente, as exposições de livros infantis, fomentadas pela ABE também promoveu conferências sobre a literatura destinada às crianças. Na primeira exposição, houve palestras sobre o tema, leituras de histórias infantis e

¹ **Armanda Álvaro Alberto (1892 – 1974):** Nascida no Rio de Janeiro era filha do médico Álvaro Alberto Silva e da Maria Teixeira Motta e Silva e irmã do cientista Álvaro Alberto de Motta e Silva, um dos membros fundadores da Academia Nacional de Pesquisa (MIGNOT: 2002: 154). Em 1921, Armanda Álvaro Alberto começou a trabalhar como diretora da Escola Meriti, localizada no município de Duque de Caxias. A escola – que a partir de 1923 passou a se chamar Escola Regional Meriti – ficava em uma região com sérios problemas de saneamento básico e transporte. A escola era particular, mas sem fins lucrativos. Vivía de doações, que vinham principalmente da fábrica de explosivos, pertencente ao irmão da educadora; da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo e da Associação Feminina Cristã. Membro fundador da ABE, Armanda compôs também a primeira diretoria da Associação. De 1925 a 1929 dirigiu a Seção de Colaboração da Família, da ABE, na qual promovia reuniões e palestras, destinadas às famílias, uma tentativa de ressaltar a importância da colaboração entre a escola e a família na vida escolar. Como membro da primeira comissão, a educadora coordenou a organização de quatro exposições internacionais de livros infantis (1926 – 1936). Quanto sua produção bibliográfica, escreveu artigos e pareceres para revistas e jornais, dentre os quais destacam-se: Biblioteca para moças (1925); Primeiro Inquérito sobre leitura infantil nas escolas pública e particulares do Distrito Federal (1928); Biblioteca para crianças e adolescentes (1930); Escola Regional de Meriti: Um aspecto feminista de sua ação social (1930); Ainda a Literatura Infantil (1934); Leituras Infantis (1948). Para maiores informações ver: Mignot (2002).

apresentações sobre os livros infantis em diferentes países, salientando a maneira como o tema da literatura para crianças era abordada nos países presentes na exposição (Mignot, 2002). Nesse contexto, o documento intitulado “Memorial aos editores Brasileiros” foi produzido como resultado da primeira exposição internacional de livros infantis e suas conferências. Publicado na edição de 20 de janeiro de 1931, o Memorial apresentava predicativos ideais aos livros infantis, a serem publicados no Brasil. Vale ressaltar que muitos desses predicativos estavam relacionados a ideias do campo da educação, por exemplo, adequação dos temas e formatos dos livros às ideias das crianças; respeito à fantasia e à imaginação (como fator importante para o desenvolvimento psicossocial infantil).

Associação Brasileira de Educação A.B.E. acaba de enviar, com o apoio de grandes nomes das letras e do magistério, o seguinte memorial aos editores de livros no Brasil: Convencida de que o momento presente é o mais propício às iniciativas renovadoras que vão surgindo em todos os terrenos, resolveu a Associação Brasileira de Educação, ao encerrar a sua 1ª exposição de livros sobre crianças e para crianças, iniciar uma campanha pela melhoria da literatura infantil publicada entre nós. Vultos eminentes entre os que, fora da Associação, também se dedicam a estas questões, vieram juntar a sua voz à nossa. É, pois, em nome dos amigos da criança brasileira, que ora nos dirigimos aos srs. Editores de todo o Brasil, a quem, por outro lado, prometemos solicitar ao Ministério do Trabalho a redução do imposto sobre a importação do papel. Esperamos do espírito progressista dos srs. Editores a melhor acolhida às sugestões abaixo, resultado que são de estudos especializados e larga experiência junto à infância. A A.B.E. considera como mínimo de condições, que tornam aceitável livro para crianças, as seguintes: 1- Quanto à apresentação material – o livro deve ser, sempre, de belo aspecto, atraente, obra de bom gosto a serviço da infância; encadernado ou cartonado; de papel branco, sem brilho; caracteres grandes (nunca o cursivo), preto; margens largas; uma só coluna em cada página. Para os leitores pequeninos o formato muito grande, vistoso, ou, pelo contrário, bem pequeno (Coll. Beatrix Potter, F. Warner & Co. Nova York). 2 - Quanto ao texto – tão reduzido e intercalado de gravuras, quanto menor for a idade a que se destina o livro. A linguagem empregada deve ser simples, familiar às crianças (evitando a gíria). Frases curtas, períodos curtos, bastante dialogada nos livros para os pequeninos. As traduções devem, sempre, ser confiadas a escritores competentes, cujo nome deve figurar em seguida ao do autor. 3- Quanto às ilustrações – numerosas, artísticas, em cores, de linhas simples, compreensíveis ao olhar infantil (nunca o desenho caricaturístico ou imitação do desenho infantil); 4 - Quanto aos gêneros – historietas de animais personalizados, para os pequeninos até 6 anos; daí em diante, em prosa, mais do que verso histórias cheias de ação, de maravilhoso, de simpatia pelos animais (nunca histórias dogmáticas, moralizantes, tristes). [...] Laura Xavier da Silveira, Presidente da Seção de Cooperação da A.B.E. – Armanda Alvaro Alberto, presidente da Comissão de Leituras e do Conselho Diretor da ABE [...] (Diário de Notícias, 20 de janeiro de 1931).

A preocupação com a literatura infantil parece ter feito parte da pauta de educadores genericamente categorizados como “escolanovistas”, dos quais Armanda Alvaro Alberto, Cecília Meireles, Elvira Nizynska e Juracy Silveira fizeram parte. Cada uma dessas educadoras, a sua maneira, trouxeram significativa contribuição para este campo de estudo, ainda em prévia construção nos anos de 1920 e 1930. Armanda Alvaro Alberto, em sua ampla atuação como diretora de escola e Presidente da Comissão de Leituras da ABE propôs a criação de bibliotecas escolares, bem como a construção de uma sala de leitura para crianças, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – o que não se concretizou (Mignot, 2002, p. 212). Nesse período, na ABE,

manteve contato com o Bureau Internacional d'Éducation (parte integrante do Instituto Jean-Jacques Rosseau, na Suíça), que também promovia debates e conferencias acerca dos livros infantis, buscando estabelecer-lhes predicativos de acordo com a perspectiva da psicologia do desenvolvimento infantojuvenil.

Dentre as questões abordadas no Memorial aos Editores, destacam-se a defesa de uma educação integral do ser humano, a preocupação em atender aos gostos e o que seriam as “necessidades” desse público leitor específico (Papel cartonado, ilustrações, dimensões mais cômodas e compatíveis com as “mãos” dos leitores, etc). Quanto aos temas e elementos literários, morais e educativos mais indicados, estavam histórias em que aparecem animais, poesias, linguagem simples e a presença da fantasia. Os debates acerca do livro infantil e a tentativa de incentivar a impressão de livros que seguissem um modelo diferenciado tinham como referência experiências vivenciadas em outros países. Estudos sobre bibliotecas infantis e gostos infantis sobre leitura eram citados nos discursos. Havia, assim, uma troca de experiências sobre a formação do público leitor infantil, tanto que, em 1928, o primeiro inquérito de leituras infantis, realizado pela ABE em 1926 foi traduzido para o francês e publicado na revista do Bureau Internacional d'éducation.

Ainda nos primeiros anos da década de 1930, a escritora, poeta e educadora **Cecília Meireles** escreveu acerca da literatura para crianças na coluna “Página de Educação”, do jornal carioca Diário de Notícias. Durante o período de 1930 a 1933, Cecília dissertou sobre a educação e sobre a literatura voltada para crianças. Em edição de 1931, ao discorrer sobre a iniciativa do educador Fernando de Azevedo, de publicar livros sobre educação e sobre literatura para crianças, Meireles pondera:

A literatura infantil que em tantos países tem merecido dos maiores nomes um interesse particular e atencioso sempre esteve, entre nós, salvo algum caso excepcional, nas mãos inaptas de amadores que tentavam o livro para as escolas exatamente como quem compra um bilhete numa esquina (...). (Meireles, 1931, p.6).

Nesse sentido, para Cecília Meireles, era um equívoco considerar a literatura infantil como um “gênero menor”, muitas vezes relegado ao papel de “ensinar” e “moralizar” os pequenos leitores. Por essa perspectiva equivocada, no Brasil, muitos livros para crianças seriam escritos, segundo Meireles, por autores inexperientes e não qualificados no que se refere a compreender as especificidades de seu público destinatário. Como intelectual participante do movimento da “Escola Nova” brasileira, a educadora defendia a necessidade de considerar que a criança era um ser pensante, cujas características psicológicas e físicas eram distintas dos adultos. A criança, assim, não era uma “folha em branco” a ser preenchida com ensinamentos morais e pedagógicos pelos adultos, a partir de livros pseudo-literários. Era, portanto, necessário conhecer essas especificidades para escrever-lhes livros “sob medida”, provocar-lhes o encantamento através das histórias e poesias. Isso, contudo, não

significava a completa isenção dos livros infantis no que tange à formação intelectual e moral do seu público leitor, mas sim que esse papel dos livros infantis não poderia se sobrepor aos aspectos literários e estéticos.

Ao longo de sua trajetória, Cecília Meireles² também se ocupou de escrever livros para o público infantojuvenil, em especial **A festa das letras** (1937); **Olhinhos de gato** (1940); **Giroflê, Giroflá** (1956); **Ou isto, ou aquilo** (1964) e **O Menino atrasado** (1966). Ainda acerca da literatura infantil, Cecília Meireles publicou um livro com críticas sobre o gênero literário, intitulado **Problemas de Literatura Infantil** (1950), resultado de suas aulas e palestras como professora de Literatura Brasileira da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Assim como as demais educadoras estudadas neste capítulo, Cecília Meireles pode ser considerada uma “intelectual mediadora”, ou, antes, uma intelectual polimorfa, atuando em diferentes espaços, tanto como mediadora cultural, quanto como produtora de conhecimento. Além de escrever na imprensa, Cecília Meireles também atuou como professora primária, professora do Instituto de Educação do Distrito Federal (anos de 1930), professora da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), a partir da década de 1940, escritora de livros didáticos e literários para crianças. No ano de 1936, Meireles também participou da Comissão Nacional de Literatura Infantil, iniciativa do Ministério da Educação e Saúde, sob gestão de Gustavo Capanema. Embora tenha permanecido apenas nos primeiros meses de atividade da Comissão (por questões pessoais), a escritora contribuiu com pareceres e estudos sobre a temática do livro para crianças. Nesse sentido, a contribuição da escritora se deu em frentes diversas, colaborando para a construção do gênero literatura infantil no país.

Torna-se importante ponderar que entre os anos de 1932 e 1938, o Instituto de Educação do Distrito Federal (atual Instituto de Educação do Rio de Janeiro) (Vidal, 2001), ofereceu uma disciplina intitulada **Literatura Infantil**, em seu currículo para o curso de formação de professores primários. A disciplina foi ministrada pelas

² **Cecília Benevides Meireles (1901 – 1964)**: Cecília Meireles nasceu em 07 de novembro de 1901, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, um funcionário do Banco do Brasil e de Matilde Benevides Meireles, professora municipal. Seus primeiros livros de poesias Espectros foram publicados em 1919. Al[ém disso, casou-se em 1922 com o pintor português Fernando Correia Dias com quem teve três filhas. A escritora passou então a conciliar a vida literária com o magistério, onde não apenas lecionou, como também fez alguns estudos, como o Inquérito de Leituras Infantis (1931) sob encomenda da Direção de Instrução Pública do Distrito Federal. Em 1932, participou do grupo de educadores que assinou o Manifesto da Escola Nova. Entre 1931 e 1936, Cecília Meireles escreveu crônicas sobre Educação para a coluna Páginas da Educação, do jornal Correio da manhã. Durante esse período também escreve para revistas de educação e sobre Literatura Infantil (escreve também livros para crianças); em 1936, chegou a contribuir, durante algum período, com a Comissão Nacional de Literatura Infantil. Dentre os livros mais conhecidos de Cecília Meireles estão: **Crianças, meu amor...** (1923); **Saudação à menina de Portugal** (1930); **A festa das letras** (1937); **Romanceiros da inconfidência** (1953). Já os trabalhos não literários, estão **Batuque, Samba e Macumba** (1935) livro sobre os ritmos brasileiros de influência africana; **Problemas da Literatura Infantil** (1950). Para Maiores informações, consultar a tese de Jussara Santos Pimenta, publicada em forma de livro em 2011: PIMENTA, Jussara Santos. **Leitura, arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934 – 1937)**. Curitiba: CRV Editora; 2011.

professoras **Elvira Nizynska da Silva**³ e **Juracy Silveira**⁴. Elvira Nizynska, ao organizar o programa da disciplina salientou a falta de estudos teóricos, no Brasil, sobre a literatura para crianças. Nesse sentido, procurou construir conhecimentos sobre o gênero literário a partir de estudos sobre a psicologia do desenvolvimento infantil, caminho também seguido por Juracy Silveira.

Ambas também escreveram artigos e estudos, na imprensa (ampla ou pedagógica) sobre as experiências, em suas escolas de atuação, com a literatura infantil. Nizynska também atuou na Comissão Nacional de Literatura Infantil (1936 – 1938), na qual produziu estudos, pareceres e fichas avaliativas de livros para crianças, ajudando a estabelecer predicativos a partir de uma perspectiva do desenvolvimento infantil, similar ao presente em seus estudos no âmbito do Instituto de Educação (Costa, 2011).

³ **Elvira Nizynska da Silva (1896 – 1964)**: Filha de poloneses, Elvira Nizynska da Silva nasceu no Rio de Janeiro, na época, Distrito Federal. Estudou na Escola Normal do Distrito Federal, entre 1911 e 1913. Em 1920, Elvira Nizynska casou-se com o comerciante português Domingos José da Silva, que possuía uma frota de carros de aluguel. Além de lecionar, Nizynska também atuou como Diretora Adjunta da Escola Rodrigues Alves, no Catete (hoje extinta) entre 1928 – 1932. No mesmo período, filiada à Associação Brasileira de Educação (ABE) a professora Elvira Nizynska participou de vários debates em torno do livro infantil, juntamente com Juracy Silveira, sua amiga pessoal. A partir de 1933, Elvira Nizynska foi nomeada professora assistente da cadeira de Matérias de Ensino, do Instituto de Educação do Distrito Federal. A educadora permaneceu no Instituto de Educação até 1938, neste período, Nizynska lecionou as disciplinas “Literatura Infantil” e “Leitura e Linguagem”. Elvira tornou-se, então, estudiosa da Literatura Infantojuvenil, e em 1936, foi convidada a compor a Comissão de Literatura Infantil, criada pelo ministro de Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Além do contato próximo com alguns dos professores que trabalharam no Instituto de Educação como, por exemplo, o professor Lourenço Filho, Elvira Nizynska costumava receber a visita de alguns professores da ABE. Para maiores informações ver: COSTA, Aline Santos. A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a Formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938). Dissertação defendida para obtenção do título de Mestra em História Social, pelo Programa de Pós Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2011; COSTA, Aline Santos. “ESCOLA NOVA E LITERATURA INFANTIL: a atuação de Elvira Nizynska como educadora e pesquisadora dos livros infantojuvenis nos anos de 1930”. In: PIMENTA, Jussara Santos; DINIZ, Aires

⁴ **Juracy Silveira (1898 – 1991)**: A educadora Juracy Silveira nasceu na cidade de São Fidelis, norte fluminense, em 19 de junho de 1898. Contudo, aos sete anos de idade, veio para a Capital Federal, junto com sua família. No Rio de Janeiro, foi aluna da escola Rodrigues Alves, hoje extinta. Embora tenha concluído o estudo primário em 1913, não tendo ainda idade para prestar o concurso para a Escola Normal, Juracy Silveira foi matriculada em um colégio interno, o Imaculada Conceição, administrado por freiras. No ano seguinte, 1914, prestou exames e foi admitida na Escola Normal do Rio de Janeiro. Após se formar, tornou-se professora primária e atuou em escolas públicas da capital federal. Em meados dos anos de 1920 a ABE (criada em 1924) passou a oferecer cursos de aperfeiçoamento para professores, sobretudo na área de Psicologia, Sociologia e Administração Escolar. Juracy Silveira, então, filiou-se à Associação e passou a frequentar seus cursos. No mesmo período, teve também contato com professores e estudiosos estrangeiros, que vinham a convite da ABE oferecer cursos de curta duração, a exemplo, Edouard Claparède. Durante a década de 1930, Juracy Silveira atuou como diretora de escola, além de participar de seminários sobre Educação e de lecionar, nos anos de 1937 e 1938 foi designada assistente da cadeira de “Leitura e Linguagem” e, em 1938, foi designada adjunta da cadeira de “Didática”, permanecendo até a década de 1950, como professora do Instituto. Ainda nos anos de 1930, Juracy Silveira realizou cursos de aperfeiçoamento na França e nos Estados Unidos, entrando em contato com os pesquisadores cujas ideias circulavam no Brasil. No ano de 1934, a educadora foi ao IV Congresso de Educação, realizado em Fortaleza, Ceará, onde apresentou o trabalho intitulado “Como pode a diretoria melhorar o ensino a cargo de suas auxiliares”. Após passagem pela Direção de Educação Primária do Distrito Federal, já em 1953, aceitou convite de Anísio Teixeira, atuou como chefe dos cursos do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, Bahia. A educadora aposentou-se em 1962, contudo, continuou suas atividades de estudo e pesquisas educacionais junto à ABE, ocupando a presidência da Seção de Ensino Primário. A educadora Juracy Silveira faleceu em 1991, no Rio de Janeiro. Em 1993, em homenagem póstuma, a prefeitura do Rio de Janeiro nomeou uma de suas escolas, localizada no bairro de Marechal Hermes, com o nome da educadora.

Em sua atuação na Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI), Elvira Nizynska produziu artigos e pareceres que apontam para sua perspectiva sobre os livros infantis e a infância. Dentre os temas abordados estavam o papel da literatura infantil; o uso do elemento fantasia nos livros destinados às crianças; formas de incentivar a expansão da literatura infantil no país e projetos para formação do público leitor. Sobre este último foi proposto a criação de centros culturais para crianças e jovens, que começaria com uma biblioteca infantojuvenil, e que, posteriormente, também ofereceria atividades culturais de dança, artes, filmes, etc.

Seria de um valor inestimável para a educação da criança brasileira a organização de centros de cultura e recreação, em todos os pontos das grandes cidades, funcionando não só nos dias úteis, num bem dilatado, como nos domingos e feriados, como recursos para a distração da infância e da juventude. Esses centros teriam finalidades múltiplas, finalidades essas atingidas por meio de atividades variadas e atraentes, capazes de afastar das más companhias aqueles que não tiveram a felicidade de pais cuidadosos e de recursos, os quais supriram, com sua intuição e posse, aquilo que falta, quase na totalidade, nas nossas grandes cidades (Nizynska, 1937, s.p).

Nesse sentido, a educadora propôs ao governo de Getúlio Vargas a criação de centros de cultura e lazer voltados para a formação psicossocial dos jovens e das crianças, seguindo, mais ou menos, o modelo de biblioteca existente no Rio de Janeiro (à época, Distrito Federal), no Pavilhão Mourisco. A Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco foi criada em 1934 por iniciativa da gestão de Anísio Teixeira na Direção de Instrução Pública. Com o início do Estado Novo e o recrudescimento aos opositores políticos de Getúlio Vargas, a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco foi fechada, sob acusação de nela haver livros de autores comunistas. Dois meses depois, Elvira Nizynka lança a proposta da criação desses centros culturais no âmbito da Comissão de Literatura Infantil. Tanto a Biblioteca Infantil quanto os centros de cultura tinham por base ideias defendidas pelos educadores da chamada Escola Nova. Dentre essas ideias destacam-se a formação integral do Ser Humano (aspectos morais e sociais), e a concepção da “criança como centro” da preocupação pedagógica e educacional, uma vez que a construção do centro cultural deveria levar em consideração as especificidades do público infantil (atividades que lhes fosse atraente; a estante de livros deveria ser acessível ao alcance de suas mãos).

No âmbito do Instituto de Educação do Distrito Federal, Elvira Nizynska da Silva, assim como Juracy Silveira, atuaram como docentes das disciplinas “Leitura e Linguagem” e “Literatura Infantil”. A importância conferida aos livros infantis, pelos intelectuais idealizadores do Curso de Formação de Professores do Instituto de Educação (Anísio Teixeira e Lourenço Filho, cujas trajetórias perpassam pela atuação na ABE) pode ser observada com a criação de uma disciplina específica para tratar do assunto. No programa da disciplina Literatura Infantil, do ano de 1935, assinado por Nizynska, apresenta a seguinte bibliografia:

a) Livros Textos: - Roland de Carvalho – Pequena História da Literatura Brasileira; - Arthur Motta – História da Literatura Brasileira; - Basílio de Magalhães – O Folclore no Brasil; - Gustavo Barroso – Ao Som da Viola; - Gustavo Barroso – A Ronda dos Séculos. B) Livros de consulta para estudo comparativo e discussão: - Claparède – Psicologia Del niño; - Helena Antipoff – Ideias e interesses das crianças de Belo Horizonte; - Marcel Brawnschvid – (Revista do Brasil – Outubro de 1921) – A Literatura Infantil; C) Leituras recomendáveis: - Sampaio Dória – Educação; - Kilpatrick – Educação para uma civilização em mudança; - Binet – Les idées modernes sur les enfants; - Claparède – Educação Funcional. - Dewey – Como pensamos; - Piaget – Langage ET La pensée chez l'enfant. (Arquivos do Instituto de Educação – 1937)⁵.

A observação deste trecho do documento nos possibilita pensar que possivelmente havia ainda poucos estudos teóricos sobre o livro infantil circulantes no país. Apenas o estudo de Helena Antipoff e de Marcel Brawnschvid, que versam especificamente de livros infantis, estão presentes no programa de curso. Diante da incipiência dos estudos específicos, a educadora lançou mão de estudos sobre a literatura sob uma perspectiva generalista, estudos sobre o folclore e sobre o desenvolvimento psicológico, cognitivo e social das crianças: com destaque a Edouard Claparède; Alfred Binet e Jean Piaget. É nesse contexto que Elvira Nizynska da Silva buscar construir conhecimentos acerca do livro infantil, a partir do diálogo entre estudos literários, psicológicos, cognitivos e educacionais e os livros destinados às crianças. Assim, busca-se definir o tipo ideal de literatura infantil considerando-se o desenvolvimento psicológico e cognitivo desse público leitor tão específico.

Mais uma vez, podemos inferir que estamos diante de uma intelectual que se ocupa tanto da construção de conhecimento quanto da mediação cultural, uma vez que lecionava para professoras em formação, além de compor uma comissão destinada a criar critérios e projetos de fomento à expansão da literatura infantil e da formação de leitores no Brasil. Os pareceres e projetos apresentados no âmbito da Comissão, bem como os trabalhos práticos desenvolvidos pela educadora em parceria com suas alunas do Instituto de Educação apontam para a colaboração da educadora na construção do conhecimento sobre o livro infantil. Os estudos e trabalhos de Elvira Nizynska foram registrados pela educadora em um artigo intitulado “O Problema da Literatura Infantil”, publicado em 1936, na revista *Infância*.

Tendo iniciado o trabalho pelo estudo dos inquéritos norte-americanos e franceses, depois de comparar esses resultados com os realizados no Brasil, as alunas da Escola de Educação, de que sou assistente da cadeira de Literatura Infantil, resolveram fazer observações em crianças de suas casas e da Escola Elementar do Instituto de Educação, para verificar, especialmente, quais as idades em que o interesse pela ficção predomina. Os resultados colhidos dessas observações só têm o valor da sinceridade com que o trabalho foi realizado e o desejo de dar à Literatura Infantil o lugar que lhe compete na educação; representam o início de pesquisas futuras, de maior vulto, e das quais talvez possa resultar alguma coisa de mais positivo e útil. Foi observado: até 8-9 anos o interesse pelo maravilhoso é muito acentuado; as crianças se sentem empolgadas pelas personagens de ficção, agradando-lhes extraordinariamente que os animais e objetos tenham dons sobrenaturais. É curioso notar, porém, que embora haja esta ânsia de fantasia, [...] as crianças distinguem o real do fantástico [...] (Nizynska, 1936, p. 26).

⁵ Bibliografia da disciplina Literatura Infantil. PROGRAMA DE LITERATURA INFANTIL. Arquivos do Instituto de Educação (1937) Acervo do Centro de Memória da Educação Brasileira (CMEB)/ Instituto de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ).

A partir da leitura do trecho, é possível apontar que o inquérito buscava responder perguntas relacionadas aos interesses estéticos do público infantil a fim de mapear quais faixas etárias eram mais recorrentes. Nessa linha, era preocupação central pensar o desenvolvimento cognitivo e psicológico das crianças a partir de estudos do desenvolvimento infanto-juvenil. Não obstante, o inquérito fosse circunscrito apenas a um círculo pequeno de crianças (familiares das alunas e estudantes da Escola Elementar do Instituto de Educação), tais indagações ora formalizadas atendiam a inquietações presentes nas investigações de Nizynska e das alunas da disciplina. Estudos de Jean Piaget e Edouard Claparède sobre o desenvolvimento infantil. Sendo assim, novas perspectivas floresceram entre as áreas de Educação e Literatura Infantil.

Outra observação importante é que para além de permitir antever a maneira como, possivelmente, a professora que ministrava a disciplina dialogava com as teorias de então (sobre o desenvolvimento infantil e sua relação com o exercício da imaginação e da fantasia), o trecho do artigo nos permite também entrever as práticas de pesquisa realizadas. Tal qual sugere o programa do curso, as professorandas liam os autores da bibliografia, as pesquisas sobre gostos literários infantis e, em seguida, iniciavam suas próprias pesquisas (como indica o artigo, com crianças da Escola Elementar do Instituto de Educação e crianças pertencentes às famílias das próprias alunas).

A atuação de Elvira Nizynska da Silva no âmbito dos estudos acerca da literatura infantil parece diminuir a partir de 1939, período em que a educadora deixa de lecionar no Instituto de Educação que, sob a direção de Alceu Amoroso Lima, passa por reformulação de currículo e a literatura infantil deixa de ser uma disciplina específica para se tornar parte da disciplina Leitura e Linguagem. No ano anterior, 1938, a Comissão Nacional de Literatura Infantil é desfeita, sob alegação de que faltaria verba para manter suas atividades. Tais situações encontram-se em consonância com a situação política e social do país à época: com o golpe do Estado Novo, o governo Getúlio Vargas passou a investir pesadamente na área militar (sobretudo com os rumores de recrudescimento da guerra na Europa, que viria a se tornar a Segunda Guerra Mundial). No mesmo período, sob a gestão de Getúlio, houve intensa perseguição a críticos e opositores do presidente, o projeto de Gustavo Capanema de unificar as faculdades na Universidade do Brasil fez com que projetos locais, como a Universidade do Distrito Federal, da qual o Instituto de Educação fazia parte, fossem encerrados. Com o fim da UDF, o Instituto de Educação voltou a ser uma instituição individual, sob a direção do intelectual católico Alceu Amoroso Lima. Por fim, vale ressaltar que Elvira Nizynska atuou também como professora primária e diretora escolar. Dentre as escolas em que foi diretora estão o já extinto Grupo Escolar Rodrigues Alves (Catete), Segunda Escola Experimental Bárbara Ottoni (Maracanã) e Escola Experimental Argentina (Vila Isabel).

Durante a década de 1930, Juracy Silveira atuou como diretora de escola, além de participar de seminários sobre Educação e de lecionar, nos anos de 1937 e 1938 foi designada assistente da cadeira de “Leitura e Linguagem” e, em 1938, foi designada adjunta da cadeira de “Didática”, permanecendo até a década de 1950, como professora do Instituto. Ainda nos anos de 1930, Juracy Silveira realizou cursos de aperfeiçoamento na França e nos Estados Unidos, entrando em contato com os pesquisadores cujas ideias circulavam no Brasil. No ano de 1934, a educadora foi ao IV Congresso de Educação, realizado em Fortaleza, Ceará, onde apresentou o trabalho intitulado “Como pode a diretoria melhorar o ensino a cargo de suas auxiliares”. O artigo foi, posteriormente, publicado na revista *A Escola Primária*. Essa publicação torna-se interessante na medida em que permite conhecer algumas concepções pedagógicas da educadora, bem como vislumbrar algumas experiências realizadas na escola Vicente Licínio Cardoso⁸⁵, na qual foi diretora. As principais questões levantadas no artigo dizem respeito ao fracasso escolar e ao papel da direção escolar no sentido de tentar resolver os principais problemas que levam aos resultados obtidos pelos alunos. Interessante observar que, no mesmo artigo, a educadora traz como medida adotada pela direção uma maior atenção dada ao ensino da leitura silenciosa (método também defendido por Lourenço Filho e Elvira Nizynska) e à criação de um clube de leitura, na biblioteca escolar.

A atuação de Juracy Silveira como diretora da Escola Vicente Licínio Cardoso (Praça Mauá, Centro do Rio de Janeiro) lhe rendeu uma designação para direção da Escola Experimental México (Botafogo). Na escola experimental, teria ido além do modelo esperado, cuja organização era semelhante ao sistema de ensino primário norte americano. Juracy Silveira, na direção da escola México, trabalhou com o sistema de projetos, incentivando, assim, a pesquisa e o aprendizado autônomo. Nas décadas que se seguiram, Juracy Silveira continuou atuando junto ao Estado, ocupando cargos ligados à educação. Em 1942, foi chefe de Distrito Educacional período no qual também atuou como diretora da Escola Normal Carmela Dutra (Madureira).

Nos anos seguintes, publicou artigos e livros, mais notadamente **Ler e Brincar**, cartilha de 1944; **Minha alegre companheira** livro de leitura para escola primária; e **Leitura na escola primária**, de 1960. Para melhor compreender sua concepção de literatura infantil, todavia, dois artigos, contudo, dois artigos foram escritos pela educadora, especificamente sobre literatura infantil. São eles: “Monteiro Lobato e as crianças” (1948) e “Leitura na escola primária” (1939), publicados na Revista de Educação, da Associação Brasileira de Educação (ABE). Já na década de 1950, Juracy atuou como Chefe de departamento da educação primária (1951), no Distrito Federal. Em sua atuação, organizou o projeto de bibliotecas infantis (SILVA, 2002). No ano de 1960, Juracy Silveira escreveu ainda o manual de ensino para cursos normais,

intitulado **Leitura na Escola Primária**. Esse manual pode ser considerado como um resumo técnico de suas experiências profissionais e seus estudos educacionais sobre a leitura e as formas de desenvolver e expandir o hábito de leitura entre as crianças, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. No manual, apresentam-se ideias sobre o desenvolvimento infantil relacionados às perspectivas do movimento escolanovista no Brasil.

Nesse sentido, o estudo sobre a atuação destas intelectuais de ampla atuação no Brasil possibilita uma melhor compreensão da construção do conceito de livro infantil no país. Para além dos escritores homens que se ocuparam da temática, essas mulheres contribuíram não apenas na construção desses conhecimentos como também em sua circulação, uma vez que atuaram também como professores (no ensino normal e no ensino primário).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Vianna Lacerda de. **Crônicas de Cecília Meireles: Leitura e Literatura em prol da Renovação Educacional (1930 – 1933)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, Aline S. **A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Aline S. A Escola Nova e a Literatura Infantil: a atuação de Elvira Nizynska como educadora e pesquisadora dos livros infantojuvenis nos anos de 1930. In: PIMENTA, Jussara.S.(org). **Diálogos sem fronteiras: Educação, História e Interculturalidades**. Curitiba: Editora CRV; 2012.

COSTA, Aline S. **A conformação da literatura infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 – 1938)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org). **Intelectuais mediadores: Práticas Culturais e políticas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2016.

KUHLMANN Jr. Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Editora Meditação; 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: História e Histórias**. São Paulo: Editora Ática; 2007.

LOPES, Sônia de Castro. **Oficina de mestres: História, Memória e Silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932 – 1939)**. Rio de Janeiro: DP&A

Editora/ FAPERJ; 2006.

MEIRELES, Cecília. Página de Educação. **Diário de Notícias**, n. 411, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1931.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú De Memórias, Bastidores De Histórias**: o legado pioneiro De Armanda Alvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF; 2002.

NIZYNSKA, Elvira. **Revista Infância**. n. 9. São Paulo, junho de 1936.

PIMENTA, Jussara Santos. **Leitura, arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934 – 1937)**. Curitiba: CRV Editora; 2011.

PLUM, Werner. **Exposições Mundiais no Século XIX Espetáculos de Transformação Sócio – Cultural**. São Paulo: Editora Friedrich Ebert Stiftung; 1979.

SILVA, Márcia Cabral. **Uma história da formação do leitor no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, Renè (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

SOBRE A AUTORA

Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/ UFRJ); Doutorado em Educação pelo Proped (UERJ). Professora de História da Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ). Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL), do Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ e do Projeto de Extensão Páginas de Mulheres na Imprensa (PROMIM).